

TRABALHANDO FEITO LOUCO: TRABALHO, DIMENSÃO ESPACIAL E ADOECIMENTO MENTAL NO CONTO “O ALIENISTA”

WORKING LIKE CRAZY: WORK, SPATIAL DIMENSION AND MENTAL ILLNESS IN THE SHORT STORY “THE ALIENIST”

 John Carlos Alves Ribeiro ^A

^A Universidade Federal de Jataí (UFJ), Jataí, GO, Brasil

Recebido em: 05/02/2025 | 09/08/2025 DOI: 10.12957/tamoios.2025.89577

Correspondência para: John Carlos Alves Ribeiro (john.ribeiro@ifg.edu.br)

Resumo

O texto propõe uma abordagem lítero-geográfica do conto “O Alienista” de Machado de Assis. Faz-se uma análise do adoecimento mental em razão do trabalho do alienista nas paisagens de Itaguaí. Destacam-se as mudanças na paisagem a partir do desenrolar da história, até o ato final, de autoencarceramento do alienista na Casa Verde. A pesquisa foi realizada por meio de uma leitura excursionista do texto, de forma a prescrutar sua espacialidade via geografia imaginária, para reflexões e análises aplicadas atemporalmente. Chegou-se, portanto, a compreensão de que em “O Alienista”, a crítica feita pelo autor pode ser apreendida pela leitura das paisagens. Sua narrativa nos envolve pela visão deturpada de Simão Bacamarte, ao passo que enxergamos, através dele, as loucuras que sua elaboração teórica tenta catalogar. Ao final, o que fica é a comprovação de que seu viés era resultado de sua própria megalomania. Por fim, o conto/novela nos apresenta paisagens enlouquecidas, comicamente delineadas como crítica às heranças da ciência positivista/oitocentista; entretanto, nos apresenta também elementos contundentes para leitura do real de nossos tempos, pois pela literatura se pode elucidar existências e experiências de mundo que se dão a qualquer tempo.

Palavras-chave: literogeografia; adoecimento mental; paisagem.

Abstract

The text proposes a literary-geographical approach to the short story “The Psychiatrist” (“O Alienista”) by Machado de Assis. It analyzes mental illness because of the psychiatrist’s work within the landscapes of Itaguaí. The changes in the landscape throughout the story culminate in the final act of the psychiatrist’s self-imprisonment in the Green House. The research was conducted through an excursionist reading of the text, to scrutinize its spatiality via imaginary geography, enabling timeless reflections and analyses. It was concluded that in “The Psychiatrist,” the author’s critique can be grasped through the reading of the landscapes. The narrative draws us in through Simão Bacamarte’s distorted vision, allowing us to see, through him, the madness his theoretical framework attempts to classify. In the end, what remains is the confirmation that his bias was the result of his own megalomania. In the end, the narrative offers us landscapes driven to madness, comically outlined as a critique of the legacy of positivist/19th-century science; however, it also offers powerful elements for interpreting the reality of our own times, as literature can illuminate existences and world experiences that occur at any moment.

Keywords: literogeography; mental illness; landscape.

INTRODUÇÃO

Se Simão Bacamarte saísse às ruas hoje em dia, não haveria espaço em sua Casa Verde. Se utilizasse como laboratório as redes sociais, então, a complexidade do humano expressa na atualidade talvez o fizesse se perceber louco muito mais rapidamente. Em razão disso, parte-se do pressuposto de que as sociedades contemporâneas sofrem muito mais com casos de adoecimento mental, e como Machado de Assis aborda esse tema de forma



magnífica em seu conto-novela “O Alienista”, optou-se aqui por seu estudo com o suporte da literogeografia.

O presente texto é resultado, portanto, de uma busca por uma interpretação da obra “O Alienista” de Machado de Assis, por meio da geografia. Buscou-se fazer uma leitura do texto a partir das descrições das paisagens, através das narrativas construídas pelo autor para dar corpo a história do Alienista. Mirando as referências espaciais e a dinâmica socioespacial da Itaguaí de Machado de Assis, atinou-se também para as relações de trabalho e, em especial, as representações de pessoas adoecidas - insanas mentalmente - expostas na trama.

Dessa forma, buscou-se por meio de uma abordagem de aproximação entre a Ciência Geográfica e a Literatura algo próximo ao que propõe o eixo “Ciência e Arte: estética, ética e política”, do VII SIMPÓSIO NACIONAL E VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA, LITERATURA, ARTE E TURISMO - SIGEOLITERART - 2024, ou seja, realizar reflexões científicas, com base nos conhecimentos geográficos, seus conceitos e princípios basilares aproveitando-se das potencialidades das artes - neste caso da literatura - como forma de representação do mundo, da realidade.

Além disso, na tentativa de alargar as fronteiras - ou horizontes - e possíveis contatos entre ciência e arte, objetivou-se ainda a reflexão da realidade, em suas dimensões éticas, estéticas e políticas por meio de um olhar científico com arte ou artístico voltado à produção científica. Dessa forma, almejou-se uma análise da obra em questão por uma visada geográfica, balizada pelo conceito de paisagem em Santos (2012, 2023) e Souza (2015). Objetivo também desse estudo foi elaborar uma interpretação lítero-geográfica, que contribua para leituras possíveis do avanço do adoecimento mental na contemporaneidade.

Com esse caminho traçado realizou-se uma leitura atenta da obra “O Alienista”, de Machado de Assis, para, por exemplo, localizá-la no tempo e no espaço através de uma contextualização histórico-geográfica, o que foi feito no primeiro tópico. No tópico seguinte, almejou-se a discussão das possibilidades da interpretação geográfica ou lítero-geográfica, como definida por Gonçalves (2021), sobre o tema da relação entre o trabalho e o adoecimento mental. Foi buscado aprofundamento das possibilidades de relação geografia e literatura e seu potencial para a compreensão da realidade.

No terceiro tópico, já com o suporte da contextualização histórica e geográfica e com a sistematização das possibilidades da relação geografia e literatura, avançou-se rumo a abordagem lítero-geográfica do texto. Utilizando-se dos elementos geográficos apreensível no conto, especialmente através das paisagens que nos são apresentadas pelo olhar do Dr. Bacamarte, desenvolveu-se uma possível abordagem lítero-geográfica do conto-novela “O Alienista”.

O CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DA OBRA

Escrito em 1881 e publicado em 1882, o conto ou, como o classificam a maioria dos críticos literários, a novela, foi incorporado ao volume de contos “Papéis Avulsos”. A obra é



um texto humorístico de Machado de Assis, para muitos, um dos mais marcantes e divertidos de toda a sua obra, que já havia sido publicado em onze episódios entre 15 de outubro de 1881 e 15 de março de 1882, na revista “A Estação”, do Rio de Janeiro. Ao narrar a história de Dr. Simão Bacamarte, um alienista (denominação atribuída a um médico psiquiatra da época) que resolve instalar na pequena Vila de Itaguaí uma Casa de Orates (nome dado a um manicômio ou hospital psiquiátrico naqueles tempos). Contudo, o alienista, entregue à busca por entender os mistérios da mente humana, acaba por padecer à insanidade e trancar-se a si próprio na Casa Verde.

Itaguaí era uma vila distante cerca de 80 km da Capital Federal, Rio de Janeiro, que, quando da escritura da obra vivia tensões políticas que culminariam em mudanças importantes para história nacional, como as promulgações da Lei dos Sexagenários (1885), a abolição da escravatura pela Lei Áurea (1888) e a Proclamação da República (1889). O mundo já conhecia os primeiros resultados da Segunda Revolução Industrial (já se consolidavam os resultados da Primeira Revolução e já alcançara com força as terras do Império o ideário iluminista e positivista propagados a partir da Revolução Francesa) e pelo Império borbulhavam insurreições e levantes, tentativas de revoluções, questionamentos às relações coloniais e ao escravagismo. Talvez por isso também, para além da sátira feita ao mal uso das doutrinas da revolução francesa e do cientificismo positivista, o pano de fundo político seja notório na obra, algo a ser destacado para uma leitura a partir da geografia.

Outro dado importante é a influência política do Dr. Simão Bacamarte, por ser médico renomado, com reconhecimento até mesmo fora do país. Seu status lhe garante papel de destaque na pequena Vila de Itaguaí. A narrativa o coloca como homem de ciência, observador, perspicaz, audaz e articulado, capaz de se colocar diante da elite política local e convencer-lhes da importância de seu novo empreendimento, a Casa Verde. Mas reforça também o peso de seu olhar enviesado, adquirido pela má interpretação das doutrinas renascentistas que ganhavam a Europa desde o final do século anterior.

Como a obra “O Alienista” é escrita no mesmo ano de “Memórias póstumas de Brás Cubas”, que inaugura a fase realista machadiana, o conto - o tratarei aqui como tal - é marcado por esse estilo. Nele, as narrativas psicológicas de “investigação do espírito humano, universal, sem, contudo, afastar-se da realidade nacional” (como descreve Maria Tereza Faria na apresentação de um dos textos estudados - Machado de Assis, 2011) nos colocam diante das relações e emoções experimentadas pelas personagens, o que nos permite também a leitura e interpenetração pelas paisagens e relações socioespaciais vivenciadas na Vila de Itaguaí.

Essas características da obra, seu realismo e a construção de personagens que vivenciam conflitos que impactam a dinâmica socioespacial, a paisagem e o espaço geográfico ao qual pertencem enquanto produto-produtores, contribuíram para sua escolha para esta análise. Desta feita, a leitura foi conduzida por meio de um excursionismo, similar ao que Aziz Nacib Ab’Saber gostava de fazer junto ao seu professor de francês, Roger Dion (Ab’Saber, 2013, p. 39), lá passeando pelas paisagens e pela espacialidade identificando os elementos geográficos que lhes chamavam a atenção, aqui buscando identificar e interpretar



tais elementos presentes na narrativa construída em volta do Dr. Bacamarte e suas possíveis correlações com a realidade.

Essa abordagem de leitura do texto foi pensada a partir do que defendem Lima e Chaveiro (2016, p. 53-54), ao descreverem as possibilidades da relação geografia e literatura. Tal metodologia se justifica por, em razão da leitura atemporal que se pode fazer de uma obra literária, seja possível percorrer as páginas do conto, como quem percorre a Itaguaí de Machado de Assis. Mas não uma Itaguaí materializada em alguma localização geográfica ou presa a um momento exato no tempo. Esse excursionismo foi feito por meio de uma geografia imaginária. Ou seja, as paisagens identificadas e amarradas a elementos de diferentes momentos históricos, com arranjos socioespaciais similares, mas também diversos. A Itaguaí que pode ser imaginada a partir de “O Alienista” é tanto uma vila similar a outras do passado, de seu tempo, de hoje e até do futuro, pois os conflitos sociais que marcam sua paisagem (espacialidade observável, em aproximação com Milton Santos, 2012, p. 103 e 107) e que geram arranjos socioespaciais, podem ocorrer de maneira parecida em muitos ondes ou quandos (espacialidades e temporalidades).

Dessa maneira, na relação nos apresentada entre essas áreas do conhecimento por Lima e Chaveiro (2016, p. 54)

Mais importante que a compreensão do encontro entre Geografia e Literatura é apropriar-se politicamente dos desígnios desse encontro: pois, se interpretar o espaço nos oferece as condições para nos localizarmos social e historicamente no mundo, e nos permite ver o seu controle e o seu domínio, viajar nas imagens literárias nos elucida que há outros desafios para existência de cada ser humano.

Que é preciso sublimação e capacidade inventiva/imaginativa para descobrir/revelar o que está no e além dos corpos, além dos simulacros e das paisagens. [...]

A abordagem lítero-geográfica apresentada aqui, usando a aproximação com o que Ab'Saber chamou de excursionismo, nada mais é que ler como quem passeia pelas páginas da obra, mas sem tirar os pés da realidade. Lê-la como quem a enxerga com os olhos do leitor atento, que neste caso é geógrafo, mas que é também um apaixonado pela história, pela política, pela literatura. O excursionismo literário aqui proposto permitiu pensar as geografias possíveis no texto de Machado de Assis, bem como aproximá-las das geografias vivenciadas e estudadas no real. Exatamente por isso, o enfoque dado ao tema saúde mental.

Este tema foi outro fator que chamou a atenção no conto, influenciando também a sua escolha para uma abordagem lítero-geográfica. É a presença da temática saúde mental e sua relação com o trabalho (o alienista, obcecado pelo trabalho de desvendar os mistérios da mente humana, se perde em sua própria mente, encerrando-se como louco na Casa Verde) que o tornou interessante. Tal enredo é manifestamente sedutor para alguém que, atualmente, tem como tema de estudo no doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, na Universidade Federal de Jataí - UFJ, o adoecimento mental de docentes em razão do trabalho.



SOBRE A RELAÇÃO GEOGRAFIA E LITERATURA

A Geografia enquanto ciência possui seu próprio discurso, com seus léxicos e códigos, repertório linguístico que a fazem dar sentido a um fazer geográfico (Chaveiro, 2022). No processo de produção de conhecimento faz-se necessário lançar mão desse repertório para, através da linguagem do geógrafo/a, ler e interpretar o mundo, explicá-lo e/ou escarafunchá-lo. Tal repertório é utilizado na escritura geográfica de diferentes formas, inclusive por meio da descrição que dará vida aos aspectos do real, o que é feito com o suporte dos conceitos paisagem, lugar, região, território, natureza e espaço geográfico. Essa atividade de elaboração discursiva realça as dimensões ou nuances da espacialidade, por meio da construção/produção/estruturação do geográfico.

Para essa tarefa de descrever o geográfico Marques *et al.* (2024, p. 361) destacam que

No ato de descrever, a geógrafa e o geógrafo são desafiados a elevarem à última potência seus sentidos. Posicionar-se em um ponto de vista, estabelecer recortes, sistematizar aquilo que a audição, a visão, o olfato entre outros sentidos captam, são algumas das condições do ato de descrever. Mas, toda a riqueza da percepção precisará, em seguida, ser submetida ao crivo da linguagem escrita.

Mas neste trabalho, defende-se que essa ação do/a geógrafo/a pode ser vista de maneira invertida, ou seja, para uma análise geográfica da literatura, ou para realização de uma possível abordagem lítero-geográfica, pode-se partir do resgate de elementos geográficos do texto para ajudar na construção da reflexão sobre a geografia do real. Por uma chave de leitura que recorre à sensibilidade estética do autor/a, na poesia ou na prosa, empreende-se um olhar para e pela espacialidade, como defendem Lima e Chaveiro (2016), para a construção de imagens que dialoguem com a abordagem da geografia para suscitar reflexões sobre temas e fenômenos do mundo real.

Seguindo em direção similar, Silva (2023, p. 3) afirma que “As aproximações entre a Geografia e Literatura colocam em pauta a importância da linguagem e o entrançar do mundo do conceito ao mundo da experiência humana.” O mesmo autor, em outra obra, ao analisar as abordagens de conceitos geográficos em relação com a modernidade na poesia de Fernando Pessoa, destaca que

[...] buscar sentido espaço-temporal para a poesia é uma tentativa de abarcar as diferentes vozes e discursos que pesam sobre a caneta do poeta. Os sujeitos são filhos de um tempo e de um espaço. Nessa perspectiva, suas angústias e desejos estéticos dialogam com uma rede polissêmica de discursos (Silva e Almeida, 2021, p. 3).

Para este trabalho entende-se ser possível o mesmo itinerário para lidar com a prosa expressa na narrativa de “O Alienista”. O que se coloca aqui é que, por uma abordagem lítero-geográfica do conto, acompanhando o raciocínio de Silva e Almeida (2021), é possível realizar uma interpretação considerando o sentido espaço-temporal que, porventura, tenha influenciado a escrita e os elementos estéticos da narrativa do autor. É possível, todavia,



encampar uma análise da obra considerando seu contexto histórico-geográfico, ou seja, sua vinculação com um tempo e um espaço determinados, para então, se utilizar dessa chave de leitura para análise de diferentes espacialidades e temporalidades.

Ao se levar em consideração a defesa de Santos (2023, p. 12) do espaço enquanto instância da sociedade, tal como as instâncias econômica e cultural-ideológica, ou seja, como algo que contém e é contido pelas demais instâncias, chega-se, portanto, a conclusão de que “a essência do espaço é social”. Sendo assim, olhando para a realidade como configuração geográfica, composta por um conjunto de formas-conteúdo, pode-se considerar que as paisagens refletem essas formas-conteúdos como resultados da ação. Esse olhar, aplicado à análise literária pela geografia, por uma abordagem lítero-geográfica, permite o exame da espacialidade pela dinâmica socioespacial, pelas transformações da paisagem, pelas mudanças na configuração geográfica e em suas formas-conteúdo.

Ainda se, segundo Santos (2023, p.16), os elementos do espaço seriam os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infraestruturas, estes são elementos que podem ser inspecionados nas obras literárias, a fim de, a partir delas, elaborar-se interpretações e reflexões lítero-geográficas. Isso pode ser colocado como possível porque, de acordo com Lima e Chaveiro (2016, p. 54) “As histórias, a estrutura, as situações, as personagens ainda que inventadas pela imaginação ficcional, palmilham mundos a partir do mundo real historicamente situado; as personagens trilham espaços a partir dos espaços socialmente determinados.” E os autores ainda seguem afirmando que, ao espaço confere-se a condição de mediador possível entre a existência e o mundo, empiricizando o tempo e o transformando como vida (idem, p. 55).

Dessas relações entre os espaços elaborados pelas narrativas ficcionais e seus referenciais na realidade, surgem as possibilidades para o estreitamento dos laços entre a Geografia e a Literatura. E por este prisma, Lima e Chaveiro (2016, p. 58-59) afirmam que “a literatura não só informa ao discurso geográfico que a narrativa é polissêmica - e que assim também é a realidade/o espaço vivido - como convida o/a geógrafo/a, a assumir o papel de narrador atravessado por toda a subjetividade que esse lugar pressupõe.” Essa tarefa pode ser cumprida por meio de uma escritura geográfica nutrida pela literatura, ou pela leitura geográfica de textos literários.

E se a literatura, ainda para tais autores, pode ser concebida “como escuta e voz do mundo” (Lima e Chaveiro, 2016, p. 54), ou seja, se nela reside parte do real e se este mesmo real também se apresenta enquanto possibilidade de representação e extrapolação por meio da imaginação, dela pode-se aproveitar elementos significativos para leituras e reflexões geográficas. Portanto, é a partir dessa configuração de leitura e considerando as argumentações dos autores supracitados que se propôs aqui uma abordagem lítero-geográfica do conto “O Alienista”, de Machado de Assis.



POR UMA ABORDAGEM LÍTERO-GEOGRÁFICA DA OBRA “O ALIENISTA”

Segundo Cristovão Tezza (2012, p. 29), “a literatura tem sentidos diferentes em tempos históricos diferentes (às vezes radicalmente diferentes), e também em culturas diferentes.” Para ele, a literatura enquanto ficção pode ser definida como construção histórica rica, “a partir da qual iluminamos o passado, criamos trilhas e inventamos ancestrais.” Ao dizer que a literatura tem vinculação com um tempo histórico e momento cultural, afirma que esta carrega marcas do mundo real de seu tempo. E é com esse olhar, a partir de Tezza, que buscaremos analisar a obra “O Alienista”, buscando perceber as ranhuras de dimensões espaciais presentes na construção da narrativa.

O objetivo deste estudo é, portanto, realçar elementos da espacialidade que marcam a relação trabalho e adoecimento mental presente no texto, pensados dentro do contexto histórico, político e cultural no qual a obra está inserida. A partir deste ponto, buscar extrapolar o conteúdo e os sentidos apreendidos do texto literário para, daí em diante, pensar geografias possíveis em diferentes espacialidades e/ou temporalidades. Da Vila de Itaguaí e seus personagens de Machado de Assis, extrair elementos geográficos para pensar o mundo real, com suas contradições e complexidades, no tempo histórico em que a leitura foi feita ou com a correlação que for proposta ou levada a cabo.

Por essa razão, a análise em questão demandou a leitura de autores que estudam a relação geografia e literatura (Lima e Chaveiro, 2016), (Gonçalves, 2021), (Silva, 2023, 2024), (Silva e Almeida, 2021), (Marques et. al., 2024); bem como retomar a leitura de autores da geografia (Santos, 2012; 2023), (Chaveiro, 2022), (Pereira, 2020) e (Souza, 2015) e aproximar-me mais de autores da crítica literária (Tezza, 2012), (Barthes, 1987) e (Lukács, 1965). E, também, ler e reler “O Alienista”, em três diferentes versões (edições) e um pouco mais da obra machadiana. Por último e não menos importante, ler ainda sobre a biografia de Machado de Assis, bem como sobre o período histórico em que a obra em estudo foi escrita. Tais leituras visam dar sustentação a uma abordagem lítero-geográfica da obra e deixar contribuições para outras leituras possíveis.

RESULTADOS: A ANÁLISE – POR UMA LEITURA PELA E PARA A ESPACIALIDADE

Como já destacado anteriormente, para a análise em questão seguiu-se os apontamentos feitos por Gonçalves (2021, p. 4-5), quanto à interpretação lítero-geográfica. Dessa maneira, buscou-se observar como eram narradas e compostas as paisagens e as relações entre as personagens que lhes davam vida, para uma aproximação aqui com Milton Santos em “A Natureza do Espaço” quanto ao conceito de paisagem. Para Santos (2012, p. 107) “A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São as suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais. [...] A paisagem é testemunha da sucessão dos meios de trabalho, um resultado histórico acumulado.”

Sendo assim, buscou-se identificar o movimento de produção e reprodução do espaço e suas marcas deixadas na paisagem da Vila de Itaguaí. Por esse interstício almejou-se ainda



apontar as principais representações do adoecimento mental em razão da atuação do alienista, enquanto trabalhador e enquanto personagem central das transformações da paisagem itaguaiense. O retorno do personagem central da história, sua atuação como médico e cientista, suas relações familiares, de amizade e de poder, a criação da Casa Verde e sua busca por compreensão da mente humana são analisados como acontecimentos que mudam a configuração espacial da Vila.

Indo direto ao ponto, ou melhor, ao conto.

O conto de Machado de Assis nos apresenta Simão Bacamarte, um médico renomado da coroa portuguesa que, apesar de seus predicados, acolhe-se a vida pacata da Vila de Itaguaí, para ali viver de ciência, sua paixão. Como é possível notar no conto, sua chegada e seu trabalho mudam por completo a vida de Itaguaí, portanto, sua dinâmica socioespacial, ou seu espaço geográfico.

O Alienista estabelece na vila um projeto, no mínimo, audacioso, a criação de uma casa de Orates. Sendo assim, Simão Bacamarte insere em Itaguaí um novo elemento na paisagem – A Casa Verde. Esse novo elemento traz consigo uma nova profissão, com novas formas de realização/materialização da categoria trabalho, o que mexe, deveras, com a configuração territorial (paisagem e sua dinâmica – Santos, 2012, p. 107) de Itaguaí. Tal reconfiguração territorial resulta das tensões entre as personagens, especialmente as que se colocam na condição de lideranças políticas.

Eis um primeiro elemento para análise. A Casa Verde, ao ser criada, muda a configuração territorial de Itaguaí e sua dinâmica socioespacial. No capítulo II – *Torrentes de loucos* –, fica claro o impacto do empreendimento de Simão Bacamarte na Vila. Dessa forma, podemos notar que o trabalho realizado pelo Alienista, homem de ciência, preocupado em curar os males da alma (como ele mesmo confessa a Crispim Soares, seu amigo e boticário da Vila, ser o grande mistério de seu coração, ou seja, sua maior vocação, seu maior desejo), muda a vida dos moradores de Itaguaí.

Passa, então, a haver na Vila um novo conjunto de relações que se desdobram a partir da atuação do Alienista. A presença do Alienista e de sua Casa Verde, portanto, mudam a paisagem de Itaguaí. Paisagem aqui vista como conceito em aproximação ora com a proposição de Milton Santos, pela qual “a paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais” (Santos, 2012, p. 107); ora com a proposição de potencialidade do conceito de paisagem por Marcelo Lopes de Souza, através da qual “a paisagem é reveladora, muito embora revele ao encobrir (e, inversamente, e de modo ardiloso, encubra ‘ao revelar’...)” (Souza, 2015, p. 51).

Por essas duas visões/conceituações de paisagem e tentando aproximá-las, buscou-se entender as representações dos adoecimentos mentais na Vila de Itaguaí. Seguiu-se, portanto, com foco nos principais cenários enquanto lugares/paisagens centrais da história. Essa atitude serviu para verificar como são representados os acometidos pelos males da alma e que relações se desdobram do contato entre estes e as personagens centrais da história. Pelo olhar para a paisagem, dado pela perspectiva excursionista da leitura da obra, pode-se relacionar o



trabalho do Alienista, as interações sociais e políticas da/na vila e a representação de pessoas adoecidas geograficamente.

Foi possível perceber ao longo da leitura que, ao arrebanhar torrentes de loucos da Vila e das vizinhanças, o Dr. Bacamarte causou uma verdadeira revolução na vida dos itaguaienses. Para entender tal impacto recorreu-se ao que sugere Silva (2024, p. 9), em uma interpretação do filme “Tapete Vermelho”, ao aproximar geografia e arte cinematográfica, o que será feito aqui com a literatura. Rodrigo Silva coloca que “O olhar consciente do espectador age para dar sentido ao movimento das imagens.” Neste estudo foi utilizado o olhar consciente do leitor para dar sentido e movimento às paisagens narradas por Machado de Assis. Dessa forma, foi possível perceber na construção da narrativa o peso da atuação do Alienista e as transformações que causou na Vila.

Segundo o Prof. Eguimar F. Chaveiro “a literatura, em sua multiplicidade, possui uma dimensão política; e a geografia, um dizer-de-sentido, possui uma dimensão literária.” (Chaveiro, 2021, p. 179). Ou seja, para o autor “qualquer transformação social que reposiciona as forças políticas, como é o caso do Brasil atual, age sobre a linguagem – e toda transformação das formas de narrar, enuncia outros dispositivos políticos.” (idem). Ao direcionar esse olhar para o texto em estudo, observa-se que, apesar do tom humorístico de Machado de Assis, há uma presença forte do contexto político e cultural de sua época como influência da narrativa expressa em “O Alienista”.

Em razão disso, considera-se aqui que tais afirmações contribuíram para essa interpretação lítero-geográfica com a busca por uma percepção do contexto apresentado pela obra e as relações sociais e políticas narradas. Itaguaí era uma Vila relativamente próxima à Capital Federal, a cidade do Rio de Janeiro. Machado de Assis, em 1881, quando da escritura e publicação da obra, na Revista quinzenal “A Estação”, no Rio de Janeiro, vivia o clima da capital, sua configuração territorial (para retomar as palavras de Santos, 2012), suas paisagens e dinâmica socioespacial. Vivia o impacto, por exemplo, da chegada enviesada ao Império, das doutrinas iluministas, positivistas e cientificistas. E isso, por certo, o ajuda a compor o enredo do conto.

No texto vê-se um Brasil Colônia no qual um médico de renome consegue se colocar diante de uma câmara de vereadores e convencê-los tanto da necessidade de um asilo/manicômio/hospital psiquiátrico em uma Vila, com a robustez apresentada pelo texto (quantidade de quartos, andares e janelas), quanto da necessidade de cobrança de um imposto para dar cabo à tal empreendimento. Nota-se ainda, que apesar dos interesses diversos dos vereadores, estes acabam por serem convencidos pelos argumentos de um homem de ciência (elemento marcante da crítica irônica feita pelo autor). Atualmente, vale a pena ressaltar, isso não seria coisa fácil de se fazer.

O autor permite ainda a análise comparativa das relações políticas apresentadas na obra, especialmente as disputas de poder expressas na revolução dos canjicas, a ascensão do barbeiro, e da sua reviravolta final. Machado de Assis coloca os leitores diante dos embates políticos resultantes da implantação da Casa Verde e do trabalho do alienista. Algo muito próximo ao que ocorre com a eventualidade da implantação ou retirada, nos dias de hoje, de



qualquer grande empreendimento em pequenas cidades. Cidades são criadas, impulsionadas, ou morrem, se desfazem, em razão de tais mudanças. As paisagens ganham vida ou desvanecem. As configurações territoriais se alteram, espaços geográficos são produzidos, transformados, reconfigurados.

Para os revoltosos, em dado momento da história, o papel dos vereadores era conter os arroubos autoritários do Dr. Bacamarte que, em razão de sua equivocada teoria, encarcera na Casa Verde uma infinidade de pessoas, causando a agitação que ascendeu o Barbeiro à presidente da Câmara de Vereadores da Vila (o equivalente da época ao cargo de prefeito da atualidade). Cabe destacar aqui a aproximação entre ficção e realidade, reforçando o defendido por Lima e Chaveiro (2016, p. 54). Em momentos de crise e agitação política, sempre haverá espaço para um oportunista ascender ao poder. Isso pode ser comprovado tanto na ficção quanto na história, no mundo real. Basta puxar da memória 2018 e a eleição do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro em meio a forte crise política e institucional.

Outro dado a ser analisado é a atuação do alienista, como médico de loucos (psiquiatra) e cientista investigando as razões pelas quais uma pessoa perde sua sanidade mental. Para essa tarefa, além de acompanhar diariamente os internos da Casa Verde, não sem muitos registros para análise e comprovação de suas teorias, saía sempre às ruas da Vila, buscando ampliar seu olhar quanto à sanidade mental dos itaguaienses. O que Simão Bacamarte fazia, neste momento do conto, se aproxima do trabalho dos primeiros grandes geógrafos ao observar e descrever paisagens. O Alienista tem muito de Ab'Saber (2013, p. 35-37) neste trecho do texto.

Dr. Bacamarte ao percorrer a Vila testando sua teoria e “catalogando os loucos”, ou seja, estabelecendo suas próprias representações das pessoas adoecidas da Vila, e os recolhendo à Casa Verde, quando entendia ser necessário, coloca o leitor na condição de observador. Eis que o leitor lida, a partir daí, com a busca pela personagem da captura na paisagem de Itaguaí de pessoas com qualquer indício de insanidade mental. O alienista analisa comportamentos, gestos, falas, interações sociais e a partir de uma combinação desses fatores, toma a decisão de recolher ou não o/a indivíduo/a. O Dr. inspeciona, e nos convida a fazer o mesmo, o espaço geográfico de Itaguaí enquanto soma de paisagens ou configurações geográficas.

Sua atuação aqui coloca o leitor diante de uma potencialidade de uso do conceito de paisagem que Souza (2015, p. 57) destaca: “examinar como a paisagem condiciona a nossa (in)sensibilidade e o modo como somos socializados”. Por meio da observação e leitura das dinâmicas socioespaciais que movimentam a configuração territorial ou se expressam na paisagem de Itaguaí, Simão Bacamarte consegue identificar os loucos, mas isso devido à sua condição de analista em tempo integral. O olhar viciado do alienista e sua convicção teórica o fazem ver na paisagem itaguaiense loucos por toda parte. Há similaridades em nossos tempos, com pessoas que enxergam comunistas em cada esquina. O Alienista, talvez, as encerrasse na Casa Verde, lhes atribuindo alguma classificação de loucura bem específica.

Ao que parece, o alienista, através da narrativa de Machado de Assis, tenta se utilizar de mais uma das potencialidades do conceito de paisagem apresentadas por Souza (2015, p.



61-62), para quem a percepção da paisagem é mediada pela relação interior – consciência de um estado de alma – com o exterior, o qual alcançamos por meio dos sentidos. Por essa visão do geógrafo, citando Fernando Pessoa, “todo o estado de alma é uma paisagem. Isto é, todo o estado de alma é não só responsável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem.”

Por esse olhar, Simão Bacamarte, independentemente da base teórica utilizada e de como ele a aplica, enxerga nas paisagens de Itaguaí a confirmação da insanidade que busca. E em razão disso, devido sua elaboração teórica derradeira, termina por fechar-se a si próprio na Casa Verde, pois chega à conclusão de ele mesmo se enquadrar na categoria de insanidade mental que havia finalmente formulado.

Dessa maneira, Simão Bacamarte, enquanto médico (alienista), cria uma representação social da loucura pela qual ele mesmo se vê como louco. Por este último ato, a grande mudança que resta na paisagem de Itaguaí é o grande prédio imponente na Rua Nova. Com o trabalho do alienista cessado, a configuração territorial de Itaguaí volta ao normal, restando apenas uma marca na paisagem (forma já esvaziada de conteúdo): uma enorme casa, de 50 janelas pintadas em cor verde.

CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES

Não me atreveria aqui a dar termos finais a uma análise possível de uma obra tão lida e tão consagrada como o conto “O Alienista”, de Machado de Assis. Ao contrário disso, tratarei apenas de deixar chaves de leitura que me ajudaram a compor essa análise, bem como tentar abrir caminhos para novas interpretações, abordagens e recriações da perspicácia da arte machadiana.

Por aqui a abordagem se deu pela aproximação entre literatura e geografia, feita ao modo de (Lima e Chaveiro, 2016, p. 51), ou seja, buscando como questão metodológica “tomar a narrativa ficcional como guardiã de uma realidade humana só possível pelo prisma estético; e compreender que no labor científico há - pode e deve haver - o percurso da imaginação”. Ou seja, seguiu-se o percurso de ler o real com a ajuda das criações artísticas, ou buscou-se ampliar seu entendimento científico a partir do suporte da relação geografia e literatura.

Por meio da literogeografia espera-se ter contribuído para a ampliação de repertório, dilação do olhar, aprofundamento da sensibilidade, para ganho de erudição e aumento de densidade. Tomando a escritura (literária, especialmente) como a ciência da fruição da linguagem, tal como Barthes (1987, p. 10), e tendo a literatura como a arte de narrar a vida, ou, nas palavras de Lima e Chaveiro (2016, p. 54), “como escuta e voz do mundo”, espera-se que a Geografia e seus leitores ganhem com essa aproximação. Propõe-se que Geografia e literatura de mãos dadas têm potencial para ampliar, nos leitores, os sentidos possíveis de mundo, de vida, de existências.

Eis que a literogeografia é colocada aqui, com o apoio dos autores lidos e citados, como uma chave de leitura de mundo que dá mais cores, sons, odores ao real, como permite



também abordá-lo, descrevê-lo, escarafunchá-lo, perscrutá-lo com maior bagagem estética e com isso, enfrentar e, quem sabe, superar “Os limites da escritura acadêmica, especialmente na dificuldade de comunicar com quem não é acadêmico” (Chaveiro, 2022, p. 265). Defende-se que esse caminho contribui e pode contribuir ainda mais para uma escritura geográfica comprometida com o ato de comunicar, superando assim a “dicção estreita e estéril da universidade neoliberal” (idem, p. 266).

Por fim, a abordagem feita aqui do conto “O Alienista” é posta como uma possibilidade dentre tantas de leitura da obra, bem como uma abordagem possível, dentre várias, por meio da perspectiva lítero-geográfica. Ao observar as mudanças impostas à paisagem e a dinâmica socioespacial de Itaguaí pela atuação do alienista, pelas relações que ele estabelece com os demais sujeitos da Vila, por todo o impacto nas configurações territoriais e nos processos que produzem e reproduzem o espaço geográfico representado, entende-se aqui que o estudo dessa obra através da abordagem literogeográfica, deixa, conforme o defendem Lima e Chaveiro (2016, p. 52) contribuições a outros geógrafos/as nas tarefas de enxergar, analisar, interpretar e compreender as densas experiências humanas como um dado espacial.

Um estudo como esse pode contribuir, por exemplo, como referência de análise para se compreender como outros profissionais, em razão de seu trabalho chegam a situações de sofrimento e adoecimento mental. A abordagem lítero-geográfica feita neste trabalho se propõe a uma leitura de como cada trabalhador, envolto das dimensões espaciais cotidianas, pode estar sujeito ao adoecimento mental fruto da intensificação ou excesso de trabalho. Se o trabalhador comum não pode encerrar-se a si próprio em um ambiente de tratamento de saúde mental, que a ciência e a arte, juntas, deixem contribuições para se evitar casos de adoecimento tais como o do alienista. E, quando isso não for possível, que possam contribuir para elaboração de formas para seu enfrentamento.

AGRADECIMENTOS

Deixo meus agradecimentos à Rede de Pesquisa Geografia, Turismo e Literatura - ENTREMEIO pela realização do evento SIGEOLITERART 2024 (VII Simpósio Nacional e VI Simpósio Internacional de Geografia, Literatura, Arte e Turismo – “Leitura e Escrita como ato político e direito humano”) que permitiu o resultado desse estudo converter-se em publicação. E, também, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pelo suporte financeiro concedido via bolsa. Sem ele não seria possível participar do evento e esta publicação talvez não tivesse se concretizado.

REFERÊNCIAS

AB’SABER, Aziz Nacib. O que é ser geógrafo: memórias de Aziz Nacib Ab’Saber. Depoimento a Cynara Menezes. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

BARTHES, Roland. O Prazer do Texto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.



CHAVEIRO, Eguimar Felício. A dimensão literária da Geografia e a dimensão política da literatura: a mesma fase de uma reflexão múltipla. *REVISTA DA ANPEGE*, v. 16, p. 177-190, 2021.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Metabolismo do Saber Geográfico. *In.*: A geografia que fala ao Brasil: XIV Encontro Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia/ANPEGE. – Marília: Lutas Anticapital, 2022. 580 p.

GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. O tronco, de Bernardo Élis. *Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais*, v. 10, p. 1-10, 2021.

LIMA, Angelita; CHAVEIRO, Eguimar Felício. Livros nas prateleiras, Verbos no Chão: aproximações entre Geografia, Literatura e Existência. *In.*: Espaço, Sujeito e Existência. CHAVEIRO, E. F.; CASTORINO, A. B.; BORGES, R. M. R. (Orgs.). Goiânia: Ed. da PUC de Goiás, 2016. p.p. 51-67.

LUKÁCS, Georg. Narrar ou Descrever. *In.*: LUKÁCS, Georg. Ensaio sobre literatura. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1965. p. 43-94

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. O Alienista. [Introdução de John Gledson e Notas de Hélio Guimarães]. São Paulo: Companhia das Letras - Penguin Group (USA) Inc., 2014.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. O Alienista. [livro digital] Porto Alegre: L&M, 2011.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. O Alienista. [livro eletrônico] São Paulo: Gold 360 Serviços e Produtos Digitais, 2021.

MARQUES, Ana Carolina Oliveira; SILVA, Rodrigo Emídio; SPECIAN, Valdir. Dizeres litero-geográficos: agroecologia em crônicas. *Revista Tocantinense de Geografia Araguaína*, v. 13, n. 29, dez./2023-mar./2024.

PEREIRA, Cláudio Smalley Soares. A teoria da produção do espaço e a Geografia. *In.*: SPOSITO, E. S.; CLAUDINO, G. dos S. Teorias da Geografia: avaliação crítica do pensamento geográfico. Rio de Janeiro-RJ: Consequência Editora, 2020. p.p. 107-140.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. Espaço e método. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023.

SILVA, Rodrigo Emídio. Mapas arados: o torto e o remendado entre a Geografia e a Literatura. *In.*: XV ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 2023, PALMAS. Anais do XV ENANPEGE. Campina Grande: EDITORA REALIZE, 2023.

SILVA, Rodrigo Emídio. Tapete vermelho: o olhar e a viagem na construção do lugar cinemático. *Revista Geografia Literatura e Arte*, v. 4, p. 6-30, 2024.

SILVA, Rodrigo Emídio; ALMEIDA, Maria Geralda de. Ela canta, Pobre ceifeira: o território, a paisagem, o lugar e a crítica à modernidade. *Revista Geografia Literatura e Arte*, V. 03, p. 41-62, 2021.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa Sócio-Espacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

TEZZA, Cristovão. O espírito da prosa: uma autobiografia literária. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

RIBEIRO, John Carlos Alves. Trabalhando feito louco: trabalho, dimensão espacial e adoecimento mental no conto “O Alienista”. *Revista Tamoios*, São Gonçalo, v. 21, n. 2, p. 36-48, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2025.89577>. Acesso em: DD MMM. AAAA.